

**Artigo original**

Interferências de Línguas Moçambicanas em Português falado em Moçambique

Armindo Ngunga

Centro Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique

RESUMO: Quando dois povos entram em contacto durante um período considerável, como é o caso dos portugueses e moçambicanos, entre os vários aspectos, as suas línguas acabam por se influenciar mutuamente (Sapir 1921) através de aparecimento de alguns traços de uma língua no discurso de falantes da outra língua. Em literatura linguística, se o traço linguístico de uma língua que aparece na outra for generalizado, este fenómeno, chama-se empréstimo, mas se for esporádico e (quase) individual, chama-se interferência (Ngunga 2009), pois o processo de aquisição de uma língua não materna implica utilização dos órgãos do aparelho fonador e de processos psicológicos formatados para uso na produção de sons e outras estruturas da língua materna. Este exercício pode resultar no que os professores de línguas chamam de “erros” resultantes de transferência de estruturas da língua materna para a língua alvo (Cardoso 2007). Baseado no método de observação que consistiu na escuta, recolha e sistematização de enunciados produzidos por moçambicanos ao longo de cerca de três décadas, este artigo visa estudar as interferências de línguas moçambicanas na língua portuguesa nas áreas fonética, fonológica, sintáctica e semântica. Os resultados desta investigação mostram que o surgimento inadvertido de traços das línguas moçambicanas no Português pode afectar o processo de comunicação nesta língua. Por isso, o texto sugere algumas estratégias para ajudar o professor a encontrar possíveis exercícios para minimizar as dificuldades de aprendizagem de Português como língua não materna por alunos moçambicanos.

Palavras-chave: interferência, aquisição de língua, língua materna, língua não materna, língua bantu, língua portuguesa

Interferences of Mozambican Languages in Portuguese as spoken in Mozambique

ABSTRACT: When two groups of people come into contact for a considerable period of time, as the case of Portuguese and the Mozambican, among other things, their languages end up influencing one another (Sapir 1921) through the emergence of some features of either language in the spoken discourse of one of the languages. In linguistics literature, when the linguistic feature of one language is generally present in the other language, that phenomenon is called loan; yet when sporadic and (almost) individual, it is called interference (Ngunga 2009), since the process of non-mother tongue acquisition implies using the phonic organs and psychological processes shaped to produce mother tongue sounds and structures. This exercise may result in what language teachers call “errors”, which result from the transfer of mother tongue structures to the target language (Cardoso 2007). Based on the method of observation of over three decades, which consisted in listening, collection and systematization of the utterances produced by Mozambicans, the present paper studies the interferences of Mozambican languages onto the Portuguese language, namely in the following fields: Phonetics, Phonology, Syntax and Semantics. The results of the study show that the sudden appearance of some features of Mozambican languages in the Portuguese language may affect the communication process in the latter. Therefore, the paper suggests some strategies to help the teacher in finding some exercises to minimize the learning difficulties the Mozambican non-mother speakers of Portuguese encounter when attempting to learn this language.

Keywords: interference, language acquisition, mother tongue, non-mother tongue, Bantu languages, Portuguese language

Correspondência para: (correspondence to:) atelela.ngunga@uem.mz

INTRODUÇÃO

Desde os tempos imemoriais, a história dos seres humanos tem-se caracterizado por contactos, longos ou breves, entre diferentes povos. Quando dois povos entram em contacto durante um período considerável, como é o caso dos portugueses e moçambicanos, entre os vários aspectos, as suas línguas acabam por se influenciar mutuamente (SAPIR, 1921) através de aparecimento de alguns traços de uma língua no discurso de falantes da outra língua. Em literatura linguística, se o traço linguístico de uma língua que aparece na outra for generalizado, este fenómeno, chama-se *empréstimo*, mas se for esporádico e (quase) individual, chama-se *interferência* (NGUNGA, 2009), pois o processo de aquisição de uma língua não materna implica utilização dos órgãos do aparelho fonador e de processos psicológicos formatados para uso na produção de sons e outras estruturas da língua materna. Geralmente, este exercício resulta no que os professores de línguas chamam de “erros” resultantes de transferência de estruturas da língua materna para a língua alvo (CARDOSO, 2007).

Portanto, interferência linguística pode definir-se como fenómeno que consiste na utilização numa língua de traços característicos de uma outra língua devido a incapacidade de o sujeito falante produzir correctamente um som, uma palavra, uma frase da língua não materna (Ln1), ou na atribuição a uma palavra, expressão ou frase, de um sentido que faz lembrar a tradução literal de algo análogo na língua materna. Trata-se de um fenómeno que tem eminentemente motivações externas (HOCH, 1991), isto é, que ocorre em situações de contacto de línguas sobretudo na fase inicial da aquisição de uma língua não materna.

No caso de Moçambique, um contexto eminentemente multilíngue e multicultural,

as diferentes línguas influenciam-se mutuamente das mais variadas formas. Para aquilo que interessa neste artigo, de acordo com a língua materna bantu de cada moçambicano, podem ouvir-se muitas ou poucas interferências no discurso em língua portuguesa. Por isso, não se pode prever o tipo de interferência enquanto não se conhecer a língua materna do sujeito falante, pois as interferências variam de região para região reflectindo quase invariavelmente as diversas características das línguas faladas nas diferentes regiões. Por isso, enquanto os estrangeiros por vezes pensam que os moçambicanos falam uma única variante de Português, os moçambicanos com algum nível de instrução raramente se enganam na identificação da origem de um concidadão com base na forma de uso das diferentes estruturas da língua oficial. Portanto, com base no estudo de interferências torna-se defensável a hipótese de que existe uma relação de um para um entre o número de línguas moçambicanas tipologicamente semelhantes e as variantes moçambicanas da língua portuguesa, um facto que remete para uma abordagem cautelosa de ensino do Português como Ln1 em Moçambique.

Prestando atenção para a natureza de interferências linguísticas de falantes bilingues, Cardoso (2007) diz tratar-se de transferência de traços de uma língua materna para a língua não materna e identifica dois tipos de transferência, “positiva e negativa” (CARDOSO, 2007, p. 5), sendo o primeiro tipo “um recurso para o falante, particularmente quando as línguas são aparentadas, podendo recorrer a ela para enriquecer o seu discurso” e o segundo uma “dificuldade a ser ultrapassada” (CARDOSO, op. cit.). Este segundo tipo, que é objecto do presente estudo, é também considerado desvio que acontece quando um falante, usando uma língua, sofre influência de outra língua (MELLO, 1999), seja materna ou não.

Weinreich (1953), que já se tinha referido também ao fenómeno de interferência como uma situação de desvio das normas de língua que ocorre na fala dos bilingues enquanto consequência da sua familiaridade com mais de uma língua, propõe um novo entendimento de interferência antes visto como um fenómeno unidireccional. Para este autor, a interferência pode acontecer tanto através da presença de *traços de língua materna na língua não materna*, como através da presença de *traços de língua não materna na língua materna* do falante. Esta perspectiva já abre a possibilidade de se reconhecer a relação entre o bilinguismo e a interferência. Isto é, basta ser bilingue para ser candidato a produtor a de interferência.

Apesar de, por um lado, se reconhecer que as interferências podem ser de L1 na L1 ou vice-versa e, por outro, se saber da existência de uma gama de interferências tais como de carácter fonético, fonológico, semântico, sintáctico, morfológico e dialectal (THOMASON e KAUFMAN, 1988), o presente trabalho vai limitar-se a discutir a transferências negativas de línguas maternas da maioria dos moçambicanos na língua portuguesa, enfatizando aquelas que envolvem os primeiros quatro aspectos. Ao discutir estas matérias, o presente artigo pretende reconhecer que apesar de se tratar de transferências negativas, elas dão cor e beleza singular à língua oficial bem como permitem saber os diferentes níveis de proficiência em Português, medida para se saber os diferentes níveis de domínio que os moçambicanos têm desta língua.

Nesses termos, um estudo foi realizado com os seguintes objectivos: (a) identificar algumas áreas de tensão entre as línguas moçambicanas e a língua portuguesa; (b) descrever os diferentes tipos de interferência que se observam quando muitos moçambicanos falam Português; (c) mostrar que em alguns casos, o

surgimento inadvertido de traços das línguas moçambicanas no Português pode afectar o processo de comunicação nesta língua; (d) sugerir algumas estratégias que podem ajudar o professor a encontrar possíveis exercícios para minimizar o impacto pedagógico decorrente da dificuldade de produção estruturas da língua portuguesa por alunos que não a têm como língua materna.

Para alcançar esses objectivos foram analisados dados de oito das pouco mais de vinte línguas moçambicanas, a saber: Yaawo, Makonde, Makhuwa, Nyanja, Nyungwe, Ndau, Changana, Tonga. Em literatura linguística Bantu (Bleek 1862), estas línguas são conhecidas, segundo Guthrie (1967-71), pelos seguintes códigos, respectivamente: P21, P23, P31, N31, N43, S15a, S53, S62. À excepção de Nyungwe e Tonga, as restantes línguas são transfronteiriças, são partilhadas com os diferentes países limítrofes de Moçambique tais como Tanzânia (Yaawo e Makonde, Makhuwa), Malawi (Yaawo, Makhuwa, Nyanja), Zimbabwe (Ndau, Changana), África do Sul (Changana). Todavia, os dados estudados no presente artigo provêm de Moçambique, único país onde as referidas línguas estão em contacto com a língua portuguesa. Na descrição dos diferentes tipos de interferências das oito línguas moçambicanas na língua portuguesa, presta-se especial atenção às interferências fonéticas, fonológicas, sintácticas e semânticas.

METODOLOGIA

A realização do estudo foi motivada pela necessidade de se compreender e sistematizar as razões que estão por detrás das dificuldades de os moçambicanos produzirem enunciados correctos quando aprendem a língua portuguesa ou quando a usam mesmo depois de atingirem um certo nível que se pode considerar o suficiente para produzirem discurso aceitável nesta língua. Sendo os “erros” do aprendente de

Português Ln1 muitas vezes resultado de transferência negativa das estruturas da sua L1, a motivação primeira do presente estudo foi tentar sistematizar alguns desses “erros” para se compreender a sua natureza com vista a produzir uma explicação científica. Portanto, em termos de método utilizado nesta pesquisa, pode-se apontar o de *observação*. Isto é, ao longo de cerca de três décadas de actividade docente de Língua Portuguesa no ensino secundário, de Linguística no ensino superior e de investigação das línguas bantu, foi possível observar e recolher os dados que finalmente são aqui discutidos, sistematizados e colocados à disposição do público que poderá avaliar o seu valor no processo de construção da moçambicanidade plural. Por isso, nas secções que se seguem, serão apresentados e discutidos exemplos concretos de transferência negativa de formas linguísticas apenas das línguas maternas eleitas para fazerem parte do presente estudo. Os casos de interferências negativas do Português nas línguas moçambicanas, que também existem, ficam para um outro estudo.

INTERFERÊNCIA DE LÍNGUAS MOÇAMBICANAS EM PORTUGUÊS

O tipo de transferência negativa mais comum quando uma pessoa aprende uma língua não materna é o fonético, sobretudo aquele que se relaciona com a produção de sons quando alguém tenta pronunciar palavras isoladas. A presente secção vai começar por abordar este tipo de erros para compreender a sua génese como condição para se perceber a sua razão de ser. Assim:

Interferências Fonéticas

Os efeitos dos erros de carácter fonético na comunicação podem ser diversos, como se pode ver nos seguintes exemplos:

Changana

1. *Inserção de nasal*: $\emptyset \rightarrow [nas]$

convinte [koⁿviⁿte] ‘convite’

enkonomiya [eⁿkono^umija] ‘economia’
enzagero [eⁿza^uZeru] ‘exagero’
enzame [en^uzame] ‘exame’
enzixte [en^uzi^Σte] ‘existe’
enzerisisiyu [enzeri^usisiju] ‘exercício’
narinxu [na^urin^Σi]. ‘nariz’

2a. *Fricativização do som líquido palatal*:
[-cor, +alt] □ [-alt]

fahla [ɔfa^Λa] ‘falha’
muhleri [mu^uΛeri] ‘mulher’
trabahlo [tra^uba^Λu] ‘trabalho’

2b. *Alveolarização do som líquido palatal*:
[-cor, +alt] → [+cor]

fala [fala] ‘falha’
muleri [muleri] ‘mulher’
trabalo [trabalu] ‘trabalho’

Os dados em (1) ilustram a inserção de uma nasal em posição entre uma vogal e uma consoante em certas palavras. Esta interferência não tem nenhuma relação directa particular com algo que acontece na língua, mas é comum em quase todos os falantes da língua changana, língua predominante em duas das três províncias do sul do país, Gaza e Maputo. Esta interferência não conhece o grau académico do falante. É uma das características mais marcantes do Português falado por locutores falantes de Changana como língua materna. A dificuldade de evitar a inserção desta nasal começa nos primeiros dias em que o aprendente entra em contacto com a língua portuguesa e pode continuar e, normalmente, continua até à vida laboral depois de concluídos todos os graus académicos que a sorte lhe reservar. Contudo, apesar de constituir um forte ruído para o ouvinte, este “erro” geralmente não afecta a comunicação, pois as formas lexicais daí resultantes não coincidem com nenhuma outras existentes na língua portuguesa. Mas o mesmo não se pode dizer de outros tipos de interferências que resultam das dificuldade de o falante

produzir o som lateral palatal, como se pode ver em (2). Não existindo o som líquido palatal [ɲ] no repertório fonético da língua changana, da primeira tentativa de produção deste som acaba produzindo um som semelhante, mas que não existe na língua alvo, o som lateral fricativo palatal [ʎ] no lugar do lateral palatal [ɲ] (2a). Todavia, uma vez que este som é totalmente inexistente na língua alvo, a palavra em que este toma parte fica tão estranha ao sistema que deixa o falante numa situação de desconforto tão grande que se vê obrigado a encontrar na língua-alvo uma solução foneticamente plausível, socorrendo-se s do som lateral alveolar [l] existente também na língua materna para o lugar dos “estranhos” [ɲ] e [ʎ]. Inexplicavelmente, a primeira solução (2a) é mais frequente em pessoas de nível de escolaridade elementar-médio e a solução (2b) é “preferida” por pessoas com nível de escolaridade mais alto, com bom domínio da língua portuguesa. Seria interessante realizar estudos psicolinguísticos para se saber se esta escolha é consciente ou inconsciente. Pode-se especular que sendo o som lateral palatal vozeado preferido por falantes de nível elementar-médio de escolaridade, os de nível médio-alto procuram não se confundir com aqueles optando por um som diferente no lugar daquele que não existe na L1. Seja qual for a explicação, uma coisa parece certa, a ambiguidade semântica é tida como menos nociva à comunicação do que um som estranho ao sistema fonético da língua alvo. O sentido de uma forma ambígua pode ser recuperado sempre. Mas um som estranho numa língua não tem reparação possível.

Outro caso de interferência fonética que pode afectar a semântica das palavras em entram os sons visados acontece em Makhuwa, por sinal a língua cujo número de falantes (mais de 40% da população moçambicana) ultrapassa o número de falantes de qualquer outra língua do país. Esta percentagem ultrapassa de longe a de

todos os falantes da língua portuguesa, não apenas os que a têm como língua materna, mas incluindo os que a falam como língua não materna (39% da população moçambicana (FIRMINO, 2000). A língua makhuwa coexiste, não só com a língua portuguesa, como também com outras línguas em quatro províncias de moçambicanas, a saber, Cabo Delgado, Nampula, Niassa e Zambézia. Vejam-se alguns exemplos de transferência negativa predominante na língua portuguesa falada por moçambicanos cuja L1 é Makhuwa:

Makhuwa: Desvozeamento dos sons consonânticos: [+voz, -sil] →[-voz]

a.coku [ʉcoku] ‘jogo’

kasa [ʉkasa] ‘caça’

kasa [ʉkasa] ‘casa’

kasa [ʉkasa] ‘Gaza (nome de uma província moçambicana)’

teto [ʉtetu] ‘dedo’

tuwaci [ʉtuwaci] ‘duas’

b.kalinya [kaʉli/a] ‘galinha’

patata [paʉtata] ‘batata’

Peturu [ʉpeturu] ‘Pedro’

Como ilustram os exemplos acima, o não vozeamento de consoantes é a característica fonética fundamental do Português falado pelos falantes de Makhuwa como L1. Sabendo-se que Português é uma língua em que o traço voz (das consoantes) é contrastivo, a transferência negativa da função deste traço de Makhuwa para a língua alvo pode trazer consequências negativas à comunicação, como se pode observar em (a). Pelo que um verbo como [cokari] (/chocari/, para os leitores não familiarizados com os símbolos fonéticos) pode significar tanto o que as galinhas fazem aos ovos como o que os humanos fazem à bola num campo de futebol. Para o ouvinte não familiarizado com este fenómeno, pode pensar que os makhuwas fazem à bola aquilo que as galinhas fazem aos ovos. Isto pode ser suficiente para

deixar um falante nativo de Português sem entender o que o interlocutor pretende de facto dizer. Outra consequência desta transferência negativa é a produção de enunciados que um interlocutor falante de língua portuguesa língua materna, pode não conseguir descodificar. Mas, como se observou no caso dos exemplos em (2), a ambiguidade semântica é mais aceitável do que o som estranho ao sistema da língua alvo. Provavelmente por isso os makhuwas pensam que, pelo contexto, qualquer falante de há-de sempre perceber que eles não “chocam” a bola embora digam [ʊnoΣ coʊkamoΣ a ʊpola].

Tal como nos exemplos analisados da língua changana, o fenómeno de transferência do traço [-voz] de Makhuwa para o Português pode acompanhar um Makkuwa desde os primeiros dias da escolarização na língua alvo até ao doutoramento. E não tem nada a ver com a competência linguística, pois pode-se ultrapassar a nível da escrita, mas continuar a fazer-se presente na oralidade. A título de exemplo, uma vez um sujeito fazendo doutoramento em Linguística escreveu para um amigo uma carta que continha a seguinte passagem:

“Recebi as **tuas duas** (não me perguntes qual destas duas palavras é pronome possessivo e qual delas é numeral cardinal porque quando eu pronuncio, as duas são iguais!) cartas...”

Esta passagem ilustra o facto de que o seu autor sabia que entre as palavras “duas” e “tuas”, uma era numeral e outra era pronome possessivo, mas oralmente, o mais provável seria que ambas fossem pronunciadas como [tuwaΣ]. Portanto, um makhuwa pode ter toda a competência linguística em Português, e continuar a não ser capaz de articular, na sua performance oral, aquilo que para falantes de algumas outras línguas como o Português pode ser óbvio.

Outra língua escolhida para este estudo é o Yaawo, falado nas províncias moçambicanas de Niassa e Cabo Delgado, e em algumas regiões de Malawi, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe. A questão interessante aqui é “como é que os yaawos se arranjam para aprender o Português?” A resposta, talvez não interessante, mas verdadeira, é que os yaawos sofrem tanto como os falantes de outras línguas na mesma situação. Vejam-se alguns exemplos:

Yaawo: Desvibração do som líquido:
[+ant, -lat] → [+lat]

a. lapaaci [laʊpa:ci] ‘rapaz’

laatu [ʊla:tu] ‘rato’

leemu [ʊle:mu] ‘remo’

liiyu [ʊli:ju] ‘rio’

oosa [ʊlo:sa] ‘Rosa’

b. luuwa [ʊlu:wa] ‘rua’

kaalo [ʊka:lo] ‘calo’

kaalo [ʊka:lo] ‘caro’

kaalo [ʊka:lo] ‘carro’

laalo [ʊla:lu] ‘ralo’

laalo [ʊla:lu] ‘raro’

Em termos fonéticos, o som vibrante constitui o “carrasco” dos yaawos aprendendo a língua portuguesa. Tal como em Makhuwa, há situações em que a solução encontrada para resolver a dificuldade de articular o som vibrante, seja simples ou múltiplo, resulta na criação de dois tipos de sequências de sons. Por um lado, podem produzir-se sequências de sons que não existem na língua, tal como em (a), para cuja interpretação o ouvinte precisa de se socorrer da sua criatividade superior a de Chomsky (1965). Por outro lado podem ser produzidas sequências de sons que coincidem com sequências interpretáveis como palavras (b). Só que estas palavras podem, semanticamente, não ter nada a ver com o significado que o contexto lhes atribui resultando em enunciados cuja perceptibilidade só pode

ser possível com recurso a um exercício aturado de negociação com o contexto.

Diferente dos casos estudados acima, Changana e Makhuwa, e provavelmente de outros por serem estudados, o assunto da vibrante para os yaawos é solúvel através de exercícios práticos. Aparentemente, todo o yaawo, depois de uma quarta classe o mais tardar já não produz o [l] no lugar de [r]. Em parte, isto deve-se ao facto de nesta língua existir o som [r] usado em ideofones e não em palavras de outras categorias gramaticais. Pelo que, o sofrimento de transformar o [r] em som a ser usado na formação de palavras não ideofónicas dura algum tempo, mas é ultrapassado. Vejam-se a seguir dados de uma língua muito próxima de Yaawo, o Makonde.

A língua makonde falada na província de Cabo Delgado e nalgumas zonas na região sul da Tanzania, que é classificada no mesmo grupo que a língua yaawo, tem algumas semelhanças fonéticas com esta. Um exemplo destas semelhanças é o caso da ausência das vibrantes, o que obriga os falantes a, tal como os yaawos, se socorrerem da lateral alveolar sempre que as palavras da língua alvo contenham em algum momento o som vibrante, seja ele simples, seja ele múltiplo. Considerem-se os exemplos que se seguem:

Makonde:

i. Desvibração do som líquido: [+ant, -lat] → [+lat]

Maliya [maʊli:ya] ‘Maria’

Malukuci [maʊlukuci] ‘Marcos’

kalabina [kalaʊbina] ‘carabina (sp. espingarda)’

tilu [ti:lu] ‘tiro’

ii. Palatalização do som alveolar som fricativo não vozeado: [+cor, -alt] → [-cor]

shawude [ʃaʊwude] ‘saúde’

shigaro [ʃiʊga:lo] ‘cigarro’

sholidado [ʃoliʊdadu] ‘soldado’

mashimu [ʊmaʃimu] ‘máximo’

Em (i) são apresentados exemplos que ilustram a inexistência de som vibrante alveolar em Makonde, tal como acontece com o irmão tipológico Yaawo. Os exemplos em (ii) mostram que apesar de um pouco semelhante, o Maconde também é diferente de Yaawo. Ao contrário de Yaawo que, entre outros, partilha com o Português o som [s], o Makonde parece não possuir este som, pelo menos em algumas variantes do Planalto que constitui o seu *habitat* natural principal. Isto faz com que os aprendentes da língua portuguesa se socorram do som fricativo palatal não vozeado [ʃ] para resolver as dificuldade de articulação de [s]. Aparentemente, este exercício não traz consequências graves à comunicação cabendo ao ouvinte reinterpretar o [ʃ] como [s] em todos os contextos em que aquele seja produzido no lugar deste. Aliás, há variantes de Português, em algumas zonas do Brasil, em que a palatalização de [s] é apenas uma das características fonológicas deste som em alguns contextos e não tem nada a ver com o facto de os falantes terem o Português como língua não materna.

Mas os problemas de interferência não terminam aqui. Muitas vezes, nota-se que os traços que são eliminados por aprendentes de Ln1 falantes de uma certa L1, são precisamente os mesmos que são acrescentados por falantes de uma outra L1 aprendentes da mesma Ln1. Os exemplos que se seguem ilustram dois casos opostos a outros dois vistos acima. O primeiro refere-se a língua tonga, falada na província de Inhambane, uma das poucas línguas moçambicanas não partilhadas com outros países. O segundo caso é o da língua ndau, falada nas províncias de Manica e Sofala bem como no vizinho Zimbabwe. Vejam-se os exemplos de Tonga:

Tonga: Desnasalização das vogais:
[+nas] → ∅

a. sikweta [siŋkweta] ‘cinquenta’

konosko [konoŋko] ‘conosco’
pito [ŋpito] ‘pinta’

b. kotas [ŋkotaŋ]¹ ‘contas’

kasari [kaŋsari] ‘cansar’
pote [ŋpote] ‘ponte’

Os exemplos acima ilustram casos de desnasalização de vogais, o que em bantu significa elisão da nasal em posição pré-consonântica. Este caso é oposto ao que se viu em Changana onde os falantes têm a tendência de inserir a nasal em posição pré-consonântica ou simplesmente a nasalizar a vogal que precede uma consoante. Nestes exemplos, a desnasalização da vogal (ou elisão da nasal) pode resultar em palavras não existentes na língua, como em (a), ou em palavras existentes. Nestes casos, se se tratar de um texto escrito, pode-se pensar que se trata apenas de um mero lapso de escrita, o que é menos grave, pois qualquer leitor atento minimamente informado pode proceder à devida reparação. Se for ouvido, dá para se pensar que o falante deve estar com uma espécie de gripe que bloqueia as vias respiratórias superiores obrigando o ar necessário à produção de nasais a sair pela cavidade oral ao invés de sair pela cavidade nasal. Esta pequena alteração pode levar a um ligeiro distúrbio na comunicação, embora facilmente reparável. Nos exemplos em (b), o assunto é um pouco mais sério. O ouvinte precisaria de pedir ao emissor para repetir o enunciado ou precisaria de reler o enunciado ele próprio para se esclarecer o significado da palavra que o contexto não ajuda a esclarecer. Portanto, está-se diante de casos em que as palavras produzidas com a desnasalização das vogais existem na língua alvo, mas não têm os respectivos significados nos contextos em que ocorrem.

Vejam-se a seguir os exemplos de Ndaou:

Ndaou: Metátese dos sons líquido ou lateralização do som vibrante?:

[-lat] → [+lat] / _ \$ [+lat] ≈ [+lat] → [-lat] / _ \$ [-lat] ou [+ant, -lat] → [+lat] ?

plobrema [ploŋbrema] ‘problema’
excralecimentu [eŋcralecimentu] ‘esclarecimento’
exprikari [eŋpriŋkari] ‘explicar’
ereyitu [eŋrejitu] ‘eleito’
Flerimu [fleŋrimo] ‘Frelimo’

Este caso é um verdadeiro teste para a análise, pois aqui se está diante de uma situação em que os falantes parecem estar a produzir intencionalmente o contrário do que se deveriam. Por exemplo, em (a) o som vibrante alveolar [r] da primeira sílaba e o lateral alveolar [l] da segunda trocam as posições. Em (b) o fenómeno repete-se, mas no sentido oposto. O [l] da segunda sílaba e o [r] da terceira também trocam as posições. Estes dois casos se poderiam chamar de metátese como está proposto acima. Mas em (c) reporta-se uma situação de deslateralização de [l] que se articula como vibrante. Em (d) acontece, por um lado, de novo a metátese ilustrada em (a) e (b), mas por outro lado, o contrário do que acontece em (c). Isto é, enquanto em (c) o [l] é articulado como [r] na primeira sílaba, em (d) o [r] da primeira sílaba é produzido (e percebido) como [l].

Estes dados mostram uma alternância das consoantes líquidas nos mesmos contexto sugerindo que nesta língua [l] e [r] não são dois sons fonémicos, isto é, não são contrastivos. Portanto, não são usados para distinguir palavras de sentidos diferentes. São, sim, variações alofónicas (em distribuição livre) do mesmo fonema, o que é um problema para o aprendente de Portuguesa como língua segunda, onde os dois sons são contrastivos. Para ajudar o aprendente a ultrapassar esta dificuldade, sugere-se que o professor de língua use

pares mínimos baseados no contraste entre os sons ocorrendo no mesmo contexto para explicar a necessidade de articulação correcta de cada som no respectivo contexto sob o risco de produzir enunciados que nada têm a ver com o sentido do que se pretende dizer. Mas isto tem de ser feito, sobretudo, com base em muitos exercícios práticos sem enveredar pela via de explicações teóricas complexas a fim de permitir que o aprendente possa ter a oportunidade de associar o som a palavra concreta criando condições para que a articulação do som particular num determinado contexto dependa do contexto geral de que o mesmo faz parte.

Depois desta breve digressão por alguns fenómenos de interferências fonéticas de algumas línguas moçambicanas na língua portuguesa, passa-se a seguir a ver um fenómeno de interferência fonológica daquelas línguas nesta última.

Interferências Fonológicas: sílabas

Fonologia é o estudo dos sons de uma língua tendo em atenção o seu papel na comunicação (NGUNGA, 2004; TRASK, 1999). Nesta secção, o presente estudo vai debruçar-se sobre um aspecto particularmente contrastivo da fonologia das línguas moçambicanas e a da língua portuguesa, a sílaba, definida como “unidade de um ou mais sons que se fala com um impulso respiratório” (WEISS 1988, p. 59). Os diferentes grupos tipológicos de línguas têm sílabas de diferentes estruturas. Nas línguas bantu, por exemplo, a sílaba tem, geralmente, a estrutura do tipo (V, CV(V)). Isto é, exceptuando a nasal silábica, a única não aberta, a sílaba nas línguas bantu é aberta, o que explica que os falantes destas línguas em geral e os das moçambicanas em particular, aprendendo a língua portuguesa, revelem tendência de produzir sílabas abertas mesmos nos casos em que elas sejam fechadas na língua alvo. Vejam-se os seguintes exemplos:

*Changana: *silaba fechada²*

- a. kuxatiyara (< chatear)
- b. kuvota (< votar)
- c. manduwinya (< amendoim)

Nos exemplos acima, além da uma robusta presença das marcas morfológicas de bantu, os fenómenos de epêntese e de elisão conspiram contra a presença de sílabas fechadas.

Assim, em (a), verifica-se que há inserção de glide (/y/) para evitar o ditongo /ia/ para evitar a sequência de vogais (/ia/) e epêntese da vogal baixa /a/ em posição final para eliminar a sílaba fechada em posição final da palavra. Acresce-se a informação segundo a qual, de uma forma geral, estas línguas têm duas as marcas do infinito verbal, ku- (no início do verbo) e -a (no final). Em (b) a procura da sílaba aberta consegue ser bem sucedida através da elisão da vibrante final (marca do infinitivo na língua alvo). Em (c), também ocorrem cinco fenómenos fonológicos visando acomodar alguns traços da língua materna na interlíngua. Assim, (i) elisão de /a-/ inicial, (ii) substituição de /e/ por /a/ na primeira sílaba para fazer coincidir /ma-/ com um prefixo nominal comum nesta língua, (iii) inserção da glide labiovelar para desfazer a sequência de vogais /oi/ seguida de (iv) conseqüente desnasalização de /ĩ/ e, finalmente, (v) epentização de /a/ final. Todo este exercício só visa um objectivo, garantir que as sílabas sejam abertas, como se vê os exemplos acima.

Embora reconhecendo que haja mais fenómenos fonológicos da língua materna que os moçambicanos falantes do Português como língua não materna transferem para esta, a sílaba foi aqui tratada porque a observância a transferência das suas características para a língua alvo envolve uma série de processos fonológicos. Esta estrutura da sílaba, sobretudo o seu carácter aberto, é transferida para a língua portuguesa da

mesma maneira pelos falantes das diferentes línguas moçambicanas.

Posto isto, passa-se para a penúltima parte desta discussão das interferências de línguas moçambicanas na língua portuguesa, aspecto de sintaxe.

Interferências sintáticas

Depois dos sons que constituem as palavras, a frase é o segundo espaço onde os aprendentes de línguas tipologicamente diferentes das suas se denunciam. Vejam-se a seguir alguns aspectos de interferência relacionados com a sintaxe, parte de linguística que “trata das relações que as unidades contraem no enunciado” (BORBA, 2005, p. 181). Reconhecendo que a sucessão e a linearidade sejam dois dos princípios fundamentais que regem a combinação dos elementos na formação de enunciados, é correcto supor que diferentes grupos de línguas tenham regras diferentes com base nas quais esses princípios são observados. Portanto, é de supor que línguas tipologicamente diferentes tenham formas diferentes de reger as relações entre os elementos que fazem parte do mesmo enunciado e podem constituir fonte de interferências em caso de as duas línguas serem usadas por um indivíduo bilingue. Veja-se o que muitas vezes se ouve de enunciados produzidos por alguns moçambicanos falantes de línguas bantu como maternais:

Verbo ‘nascer’:

a. *Eu nasci duas crianças, um rapaz e uma menina.

cf. Eu dei à luz duas crianças

b. *Esta é a minha mãe que me nasceu.

cf. Esta é a minha mãe que meu à luz.

c. *Eu fui nascido em Mwembe.

cf. Eu nasci em Mwembe.

Nestes enunciados são apresentados exemplos de enunciados muito comuns

entre os moçambicanos de nível elementar e de nível intermédio, e às vezes mesmo de nível avançado, de aprendizagem da língua alvo. Como se vê, o verbo ‘nascer’ é um verbo intransitivo, portanto, um verbo cuja estrutura argumental só admite um argumento (externo) à esquerda e nenhum argumento (interno) à direita. Nas línguas bantu, o verbo que corresponde a ‘nascer’ em Português tem dois lugares, isto é, além do argumento externo (eu, alínea (a)), tem um argumento interno (duas crianças, alínea (a)). Ou seja, nestas línguas o verbo ‘nascer’ é transitivo. Daí que, quando conjugado em Português de *interlíngua* (SELINKER 1972), ele apareça com um argumento interno que, na voz passiva, se movimenta para a posição inicial da frase (c). Aquilo que é objecto da frase (b) passa a desempenhar a função de sujeito gramatical da frase (c). Esta sintaxe aqui descrita é absolutamente correcta na língua materna de muitos moçambicanos sendo, por isso, normal a sua transferência para a língua portuguesa. Considere-se outro exemplo de interferência sintáctica das línguas moçambicanas na língua portuguesa:

Verbo ‘dar’: *Eu fui dado um livro

cf. Foi-me dado um livro

O exemplo acima revela que ao contrário do fenómeno que consiste na criação de lugares na estrutura argumental do verbo, outros casos existem em que a transferência negativa da estrutura argumental da língua materna consiste na eliminação de um argumento do verbo cuja presença na língua alvo é obrigatória. Dito doutra maneira, na língua portuguesa, o verbo ‘dar’ tem três lugares, sendo um externo (agente/sujeito) e dois internos (paciente/objecto directo e oblíquo/objecto indirecto). Na língua materna do falante, o verbo equivalente ao verbo ‘dar’ tem também três argumentos. A diferença entre as duas línguas está no facto de que a ordem linear dos argumentos internos na L1 é inversa à ordem linear destes na

língua alvo. Isto é, enquanto na língua portuguesa a ordem não marcada dos sintagmas nominais objectos (directo e indirecto) é do tipo objecto directo (OD) seguido de objecto indirecto (OI), nas línguas bantu a ordem de co-ocorrência dos objectos na frase é do tipo objecto indirecto (OI) seguido de objecto directo (OD). Uma tentativa de abreviação dessas sequências pode-se ver a seguir:

Ln1: SVODOI

L1: SVOIOD

Onde S = sujeito, V = verbo, OD = objecto directo, OI = objecto indirecto.

Daí que, na Ln1, o OD se movimenta para a posição de sujeito gramatical na frase passiva enquanto na L1 é o OI que se movimenta para aquela posição na frase passiva o que, numa fase de aprendizagem da língua não materna pode traduzir-se na transferência negativa da estrutura da L1 para Ln1. De novo, a forma de solução das dificuldades ocasionadas pelas diferenças tipológicas são exercícios em que nomes de diferentes classes nominais sejam usados como argumentos de frases a serem construídas. Aqui, o professor poderá explicar as funções de cada elemento da frase e depois a sequência em que estes devem aparecer na estrutura da frase.

Finalmente, uma área muito delicada e, quiçá, perigosa para os aprendentes de qualquer língua não materna, a semântica, ou “estudo do significado das línguas naturais” (MÜLLER e VIOTTI, 2003, p. 137).

Interferências semânticas

Uma das zonas onde mais se verifica transferências de traços de línguas moçambicanas para a língua portuguesa é a semântica. Aqui se vê que nas diferentes línguas do mundo a tradução literal do significado de uma língua pode constituir

um problema sério e por vezes ofensivo. Vejam-se os exemplos que se seguem:

Verbo ‘dormir’: o carro dormiu lá fora

cf. o carro ficou lá fora durante a noite

Este é um exemplo de interferência semântica que consiste na atribuição de traço [+anim] a um ser inanimado, mas comumente chamado personificação. Mas é preciso esclarecer que o falante de uma língua bantu não produz este enunciado com intenção estilística. Esta é a forma como ele fala normalmente na sua língua e, inadvertidamente, pode ser transferida negativamente para a língua alvo.

Verbo ‘sentir’:

(a) eu oiço o cheiro de comida podre

cf. eu sinto cheiro de comida podre

(b) eu vejo frio

cf. eu sinto frio

Em bantu parece não existir uma tradução de ‘sentir’ (abstracto) que não passe por verbos que traduzem as percepções recebidas através de órgãos de sensoriais de “confiança” tais como ouvir e ver. Todavia, é preciso acrescentar que nem todos os sentidos de ‘sentir’ são percebidos por falantes de todas as línguas através dos mesmos órgãos de sentido. Isto é, aquilo que para uns é ‘sentir/ouvir’ para outros pode ser ‘sentir/ver’. É assim que alguns ‘sentem/vêm’ cheiro enquanto outros ‘sentem/ouvem’ cheiro.

O género é outra fonte de tensão linguística entre as línguas moçambicanas e a língua portuguesa. Enquanto nesta língua existe em alguns casos uma relação semântica entre o nome e o género marcado biologicamente (sexo), nas línguas bantu o género é apenas uma categoria gramatical que não tem nenhuma relação com sexo ou outra categoria

semântica claramente definida. Para indicar o género de um nome, o que em algumas línguas só acontece para seres animados, existem dois termos que significam macho e fêmea, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

- (a) cabrito fêmea
cf. cabrita
- (b) cão fêmea
cf. cadela
- (c) galinha macho
cf. galo
- (d) chuva masculina ‘chuva que cai sob o brilhar do sol’
- (e) papaieira masculina ‘papaieira que só cresce, mas não dá fruto’
- (f) cão mulher
cf. cadela
- (g) professor mulher
cf. professora

Em relação aos seres com traço [-anim], usam-se os mesmos termos que servem para designar “homem” (masculino) e “mulher” (feminino). Mas há línguas em que esta distinção entre seres [+anim] e [-anim] só se usa para estabelecer a diferença entre os dois géneros. Daí que as forma X homem ou Y mulher passem para a língua alvo como uma espécie de interferência semântica.

A seguir são apresentados alguns tipos de interferências semânticas que se pode esperar ouvir de um falante nato de uma língua bantu aprendente de Português, como resultado do facto de algumas palavras serem polissémicas na L1, mas não na Ln1, como ilustram os exemplos que se seguem:

Verbo ‘chover’: Makhuwa: orupa ‘dormir, chover’

Yaawo: kunya ‘defecar, chover’

Estes aspectos semânticos de interpretação relativamente simples podem ser acompanhados de formas mais complexas, como se vê no exemplo que se segue:

eu tenho me sentido melhor estes dias, e hoje estou pior melhor

Por ser semanticamente complexo, este enunciado só pode ser percebido correctamente por muito poucos falantes de Português, pois a ocorrência de “melhor” depois de “pior” não é normal nesta língua. A explicação correcta deste enunciado depende de como o ouvinte traduziu para a sua língua materna diferente de Português, sugerindo que o termo “pior” funciona como intensificador, devendo por isso ser entendido como significando “bem, muito”. Assim:

“eu tenho me sentido melhor estes dias, e hoje estou bem/muito melhor”

Esta proposta, revela que nem sempre o significado do enunciado de um aprendente deve ser extraído ao pé da letra. O ouvinte nato deve ser condescendente e paciente para procurar os vários matizes semânticos que um termo pode encerrar até encontrar (ou não encontrar) a mais apropriada.

Chegados a este ponto é momento para se tirar algumas conclusões como se segue.

CONCLUSÃO

Para concluir, importa lembrar que o estudo teve como objectivos: (a) descrever os diferentes tipos de interferência que se observam quando muitos moçambicanos falam Português como Ln1. (b) mostrar que em alguns casos, o surgimento inadvertido de traços das línguas moçambicanas pode afectar o processo de

comunicação com recurso à língua alvo; (c); finalmente, (d) sugerir algumas saídas de apoio ao professor da língua portuguesa visando minimizar o impacto pedagógico decorrente da dificuldade de produção estruturas da língua alvo por alunos aprendentes de Português como língua não materna.

No que tange às diferenças entre empréstimos e interferências, é preciso acrescentar que como recurso de desenvolvimento e enriquecimento lexical das línguas usado por todas as pessoas falantes da mesma língua, aqueles não constituem problema pedagógico. As interferências constituem o problema pedagógico que tem de ser resolvido através de estratégias de ensino de língua adequadas com base no conhecimento pelo docente de possíveis áreas de tensão entre a língua alvo e a língua materna. Isto pode ser feito pelo professor preparando uma série de exercícios, tal como se propõe acima, visando resolver problemas específicos que ocorrem na *interlíngua* do aprendente aproveitando, às vezes, os próprios “erros” deste. Portanto, diferente dos empréstimos que não se corrigem, as interferências (transferências negativas) corrigem-se e podem ser ultrapassadas como resultado de maturidade das competências linguística e comunicativa do aprendente na língua alvo. Isto é, com o decorrer do tempo, algumas interferências podem ser ultrapassadas, mas há outras que ficam fossilizadas ou são dificilmente ultrapassadas, desafiando o tempo e as metodologias mais avançadas de ensino de Ln1. Os empréstimos nunca são ultrapassados, e o seu processo de integração é tanto mais efectivo quanto mais tempo passar sobre o dia da sua aparição na língua alvo.

AGRADECIMENTOS

Os meus alunos de todos os tempos e todos os moçambicanos que lutam por

encontrar um lugar ao sol através da língua que não conseguem “dominar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEEK, W.H.I. **A comparative grammar of south african languages**. Cape Town: J. C. Juta and Tübnner, 1862. Part I: Phonology.

BORBA, F. S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 14. Ed. São Paulo: Pontes, 2005.

CARDOSO, A. J. A importância do erro e as interferências linguísticas no processo de aquisição de uma língua não Materna, 2007. Disponível em: www.performar.org/revista/edição_22/import_erro. Acesso em: 12 de Março, 2008.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Massachussetts: The MIT Press, 1965.

FIRMINO, G. 2000. **Situação Linguística de Moçambique**. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2000.

GUTHRIE, M. **Comparative Bantu**. Cambridge: Gregg International Publishers, 1991; 1971. Vol. 1-4.

HOCK, H. H. **Principles of Historical Linguistics**. 2nd Edition. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

MELLO, H. A. B. de. **O falar bilingue**. Goiania: Editora da UFG, 1999.

MÜLLER, A. L DA P.; VIOTTI, E. de C. Semântica formal. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística: II princípios de análise**. S. Paulo: Contexto, 2003. P. 137-159.

NGUNGA, A. Empréstimos nominais de português em bantu: o caso da língua yao. In: GALVES, C. ; GARMES, H.; RIBEIRO, F. R. (Org.). **África-Brasil: caminhos da língua portuguesa**. S. Paulo: Editora da Unicamp, 2009. P. 185-209.

_____. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

SAPIR, Edward. **Language: an introduction to the study of speech**. New York: Harcourt, 1921.

SELINKER, L. 1972. Interlanguage. International Review of Applied Linguistics, 10. 209-241.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization, and**

Genetic Linguistics. Berkeley: University of California Press, 1988.

TRASK, R. L. **A dictionary of phonetics and phonology**. London: Routledge, 1996.

WEINREICH, U. **Language in contact**. The Hague: Mouton, 1953.

WEISS, H. **Fonética articulatória: guia de exercícios**. 3. ed. Brasília: Sommer Institute of Linguistics, 1988.

¹ Esta palavra é pronunciado como em caçar, em Português, isto é, perseguir ou procurar para capturar ou matar.

² O asterisco indica que a sílaba fechada não é aceitável